

## PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL: O QUE HÁ NO CIBERESPACINHO?

Penha Élica Ghiotto Tuão Ramos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por finalidade verificar as relações estabelecidas entre a mudança de suporte textual e o surgimento de uma literatura eletrônica – ou digital – dirigida ao público infantil. Para tanto, serão analisados sites com manifestações literárias tomando como critério o tipo de linguagem empregada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Público infantil; Literatura eletrônica; Literatura digital.

**ABSTRACT:** This study aims to verify the relations established between textual support and the emergence of electronic literature - or digital - focused on children. For this purpose, sites with literary manifestations will be analyzed, considering as criterion the kind of language used on them.

**KEYWORDS:** Child audience; Electronic literature; Digital literature.

### Considerações iniciais

Já é muito comum o uso da internet para a divulgação de livros impressos e, por isso, muitos autores já possuem *Fan Page* no *Facebook*, *blogs* e *sites*, entre outros meios eletrônicos, não só de comunicação direta com o público leitor, mas também de fazer publicidade das obras impressas. Do mesmo

---

1 Mestranda no curso de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), com a pesquisa: Literatura eletrônica infantil e juvenil: da virtualização à atualização no ciberespaço. elidatuao@hotmail.com

modo, é frequente que a obra impressa remeta o leitor para alguma página da *web*, na qual terá acesso a todos os títulos do autor. Tudo isso sob um mecanismo retroalimentar muito bem aceito que chega a estabelecer entre leitor e autor uma aproximação praticamente desfeita de hierarquias, caracterizando o que Lévy (1996, p. 24) denomina como *Efeito Moebius*: “passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior”.

Tal contexto decorre da mudança comportamental provocada pelas Novas – já não tão novas assim – Tecnologias de Informação e comunicação (NTICs). Contudo, enquanto certos textos digitais simulam os mecanismos típicos do impresso, outros trazem experimentalismos com a linguagem computacional, originando textos que só existem na dinâmica informática. Por isso, existirem obras baseadas no *hipertexto* e na multimídia, enfim, em resultando um hibridismo incomum antes da popularização das tecnologias digitais.

No ritmo dessas transformações sociais, as crianças e jovens não só convivem com as NTICs, como demonstram grande afinidade com os recursos que elas proporcionam e, conseqüentemente, formam um público receptivo para os produtos culturais criados para circular nos suportes eletrônicos.

Diante desse contexto reorientado pelas mudanças tecnológicas, qual produção literária está sendo oferecida no ciberespaço para as crianças e jovens? Quais alterações a linguagem tecnológica trouxe para a literatura? Como escritores utilizam os recursos tecnológicos para conquistar um público leitor?

Para verificar essas questões, será empreendido um estudo sobre a origem da literatura eletrônica e sua repercussão sobre a produção literária para crianças e jovens, tomando como referência obras produzidas e arquivadas, não em suportes impressos, mas em sites, que funcionam como livros abertos e ilimitados para a literatura. Nessas condições, serão analisados sites dos autores de literatura infanto-juvenil Ruth Rocha, Anna Claudia Ramos e Angela Lago. Também serão consideradas as bibliotecas digitais *Domínio Público* e *Virtual Books*.

### Mudanças no suporte textual

A produção escrita apresenta reflexos da sociedade, o que sugere a consonância também entre o texto, os suportes e as tecnologias de seu tempo. Se inicialmente os textos eram escritos em pergaminhos, e, com a descoberta do papel<sup>2</sup> e a invenção da prensa, o livro impresso se torna a maior forma de expansão do texto escrito, contemporaneamente, uma nova possibilidade emerge: o livro digital<sup>3</sup>, mas também o texto produzido e divulgado no ciberespaço. A prática da escrita e da leitura que era materializada por meio do artefato livro se torna cada vez mais desmaterializada a partir da virtualidade informática: é real, mas não é concreta, nem palpável como antes.

De acordo com Lévy (1996, p. 41), o computador não deve ser usado apenas como um instrumento a mais para produzir textos, pois seria negar a sua fecundidade, já que ele funciona como um operador de potencialização da informação; é na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez que o texto impresso forçosamente já está realizado por completo. Por meio de um programa de leitura e de navegação, ocorre uma intensificação na relação entre leitor e texto. Não se trata do contato com o suporte tela, mas das possibilidades de leitura que são lançadas por meio do hipertexto:

Não se limitando a ser um suporte técnico da escrita, o hipertexto tornou-se uma prática de escrita, abrangendo juntamente por lhes dar uma configuração nova, as próprias práticas literárias de experiência dos limites, limite da nar-

---

2 O papel surgiu no ano 105 A.C. e teve sua técnica de fabricação segredada por cerca de 500 anos, mas, gradativamente, espalhou-se por outros territórios, alcançando a Europa e nela se disseminando, de tal forma que, pela sua maleabilidade, substituiu o pergaminho – suporte textual utilizado até então.

3 Livro digital ou *e-book* — de *electronic book* — trata-se de uma obra com o mesmo conteúdo da versão impressa, contudo, em uma mídia digital.

rativa e do livro como limite de uma certa racionalidade de escrita (BABO, 2003, p. 107).

O hipertexto estabelece *nós*<sup>4</sup> que remetem a outros textos e autores; mescla o texto escrito com imagens e sons, conferindo-lhe, assim, uma dinamicidade inédita. Trata-se de uma nova formatação textual que confere à leitura diferentes percursos, originando uma atividade plenamente sinestésica e, por isso, atrativa: “As experiências que têm vindo a ser feitas no campo da digitalização das artes e da literatura têm como consequência imediata a nomadização do leitor-espectador, e a sua imersão perceptiva no próprio interior do texto-imagem-som” (BABO, p. 109).

Diante das influências acarretadas pelas tecnologias digitais, surge a indicação de reflexões sobre o uso da atração tecnológica a favor da expansão e da experimentação em textos literários. A sociedade do século XXI conta com diversos recursos digitais que influenciam diretamente no modo de vida e nas relações estabelecidas entre as pessoas e, nesse mesmo cenário, encontra-se a dinâmica de produção, circulação e leitura do texto a partir do uso das NTICs. Dessa forma, novas práticas literárias nascem e se propagam no ciberespaço exigindo um leitor capaz de promover a atualização<sup>5</sup> em contexto intersemiótico.

Nesse contexto realçado pelas tecnologias digitais, uma nova oferta de leitura é apresentada ao público leitor: a literatura eletrônica. São textos produzidos no ciberespaço para serem lidos no ciberespaço, reunindo imagens, movimentos, sons e palavras de forma hipertextual e hipermediática, compondo manifestações literárias digitais interativas que exigem do leitor

---

4 Problemas a serem resolvidos criativamente, conforme Pierre Lévy. Trata-se, por exemplo, do que ocorre com o leitor ao interagir com o texto, buscando verificação e compreensão das informações encontradas.

5 A *atualização* equivale ao significado que o leitor atribui a um texto a partir das intervenções que faz durante a leitura, a fim de estabelecer a compreensão.

nativo digital<sup>6</sup> uma percepção capaz de associar diferentes linguagens (verbais e não verbais) e construir significado. Além disso, o texto da literatura eletrônica – ou digital – requer atenção no acesso aos *links* para evitar que o leitor se distraia com as possibilidades de acesso rápido.

### O trajeto da literatura eletrônica

Segundo Katherine Hayles (2009, p. 23), as primeiras produções de literatura eletrônica foram feitas em *Storyspace*<sup>7</sup> que, com o *Hypercar* da Mancintosh, foi o programa escolhido por muitos escritores de literatura eletrônica no final dos anos 1980 e 1990 – com o desenvolvimento da *Word Wide Web*, novos *softwares* de autoria foram criados. Com isso, a natureza da literatura eletrônica também sofreu alterações, de modo que os trabalhos pioneiros se pautaram em blocos de texto com gráficos, animação, cores e som limitados; já os mais recentes utilizam com maior intensidade as capacidades multimodais da *Web*: “enquanto o link de hipertexto é considerado a característica mais marcante dos primeiros trabalhos, os mais recentes usam uma variedade de linguagens de navegação e metáforas de interface que tendem a desacentuar o link como tal” (HAYLES, p. 24). Demarcando distinções entre esses dois momentos da literatura eletrônica, Hayles (2009) determina os primeiros trabalhos como *primeira geração* e os posteriores como *segunda geração*, estabelecendo como marco o ano 1995. Assim tem-se a primeira obra hipertextual, produzida em 1987, *afternoon: a story*, de Michael Joyce. Nela são oferecidos desenvolvimentos de enredo alternativos que dependem das sequências de lexias escolhidas pelo leitor, o que dará origem a um enredo próprio – ao optar entre os links, um enredo é eleito como titular pelo leitor, enquanto outros permanecem ocultos nos links não abertos.

---

6 Geração de jovens nascidos a partir das tecnologias digitais, conforme alcunha Marc Prensky (2001).

7 Um programa de autoria de hipertexto criado por Michael Joyce, Jay Davi Bolter e John B. Smith e depois licenciado a Mark Bernstein, da Eastgate Systems, o qual ampliou e atualizou o programa.

A primeira iniciativa de produção, conservação e divulgação da literatura eletrônica se deu nos Estados Unidos, em 1999, sendo denominada como ELO – *Electronic Literature Organization*. Tal instituição parte do objetivo de “fomentar e promover a leitura, a escrita, o ensino e a compreensão da literatura como ela se desenvolve e persiste em um ambiente digital em mudança”<sup>8</sup>. A ELO traz uma *Coleção de Literatura Eletrônica*<sup>9</sup>, na qual estão publicados dois volumes, cada um com aproximadamente sessenta obras, sendo o primeiro de outubro de 2006 e o segundo de fevereiro de 2011. Na tela da ELO, as obras de cada volume encaixam-se uma ao lado da outra formando um mosaico que, ao toque do cursor, revela o nome da obra e de seu autor, restando ao leitor/navegador o clique que dará acesso à literatura eletrônica selecionada.



Figura 1: Primeiro e segundo volumes da Coletânea de Literatura Eletrônica. Fonte: <http://collection.eliterature.org/>

A literatura eletrônica dissemina-se e torna-se cada vez mais acessível e diversificada, mostrando-se desterritorializada e com adeptos em todos os lugares, inclusive no Brasil, destinando-se a todos os públicos, inclusive o infantil.

---

8 Conforme informa a ELO em seu site <http://eliterature.org/elo-history/>, o qual inclui escritores, artistas, professores, acadêmicos e desenvolvedores.

9 O primeiro volume organizado por Katherine Hayles. Disponível no endereço <http://collection.eliterature.org/>.

### Qual a literatura do ciberespacinho<sup>10</sup>?

A literatura eletrônica dirigida ao público infantil é, de certo modo, limitada. São poucos os exemplos de obras que utilizam a linguagem intersemiótica possibilitada pela tecnologia digital para a produção de uma literatura cujo viés seja a hibridização linguística. Assim, é mais comum encontrar *sites* que funcionam como divulgação de obras impressas ou de transposição do impresso para o digital, do que espaços de publicação de obras genuinamente eletrônicas.

Entre os *sites*, que têm como mote a literatura infantil, está o da escritora Ruth Rocha, <http://www2.uol.com.br/ruthrocha/home.htm>, o qual tem uma introdução sonora, acompanhada de imagens que se movimentam, conduzindo o leitor a um *menu* com atividades bastante convidativas.

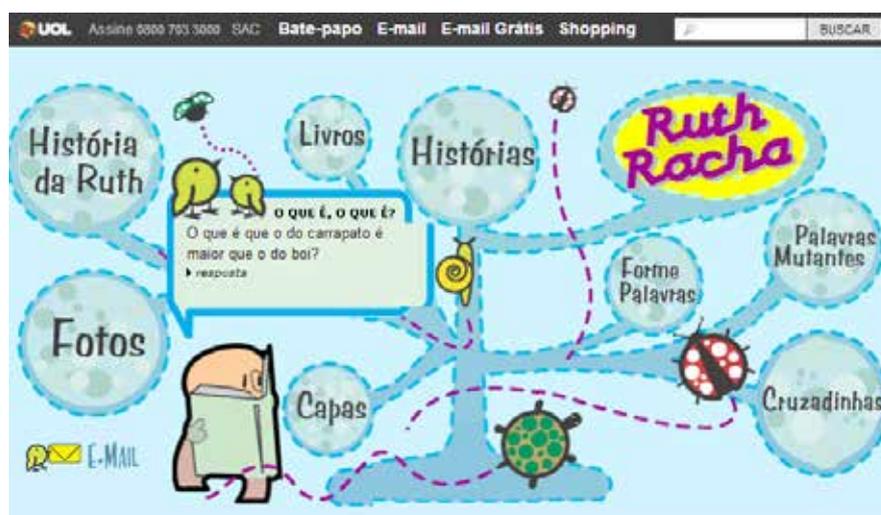


Figura 2: Abertura do site de Ruth Rocha. Fonte: <http://www2.uol.com.br/ruthrocha/home.htm>

10 Termo utilizado por Angela Lago em seu site para designar um dos links da página principal e, aqui, empregado para se referir à ideia de um ciberespaço para o menino jovem – o que bem traduz o contexto da literatura eletrônica destinada ao público infantojuvenil.

Na página principal, há *links* que sugerem ao leitor divertidas brincadeiras com a escrita: *Forme Palavras*, *Palavras Mutantes*, *Cruzadinhas* e *O QUE É, O QUE É?*; além daqueles que intencionam a aproximação entre os leitores e a autora: *História da Ruth* e *Fotos*, que fornecem biografia e imagens da autora. Acessando o ícone junto a *E-MAIL*, o leitor ainda terá a oportunidade de manter contato com a autora.

No que tange à oferta de literatura, há três *links*: *Livros*, *Capas* e *Histórias*. Em *Livros*, há uma lista dos livros impressos da autora, com a respectiva ficha catalográfica de exemplar e, antecipadamente, a mensagem: “Aqui você encontra a bibliografia completa de Ruth Rocha”; em *Capas*, o leitor terá acesso a imagens que o conduzirão a diversas capas de livros impressos da autora; em *Histórias*, então, serão encontradas bastantes textos de Ruth Rocha, os quais são assim anunciados: “Leia, assista e escute histórias exclusivas de Ruth Rocha”.

Nessa proposta, fica evidente o anúncio de três matrizes para a construção do texto: verbal, visual e sonora – aparentemente, o hibridismo típico da literatura eletrônica. Contudo, trata-se, na verdade, de matrizes isoladas uma da outra, de modo similar ao texto impresso ou falado. Assim, tem-se acesso ao livro *Quem tem medo do ridículo?*, que é composto de palavras e imagens que simulam o livro impresso, uma vez que não há som nem animação na narrativa e a história é contada a partir dos avanços de páginas quando o leitor clica no botão com a palavra *próxima*. Sob a matriz sonora, são oferecidas ao leitor histórias narradas pela autora e canções: “CD ‘Mil Pássaros’, com narração de Ruth Rocha e canções do grupo Palavra Cantada”. Retomando a estética do texto impresso, a matriz verbal aparece com o título *Histórias para você se divertir*, seguido de dezenove narrativas de Ruth Rocha, ora em poema ora em prosa. A página é composta por uma linguagem hipertextual, um recurso que permite interromper o fluxo de leitura através de redes remissivas interligadas que conduzem o leitor a um vertiginoso delírio de possibilidades (VILLAÇA, 2002, p. 107). Entretanto, esse recurso só é utilizado para o deslocamento de uma atividade a outra e os textos oferecidos seguem a típica linearidade do texto impresso, sem, portanto, o uso *links* em sua estrutura.

Outro trabalho que também conjuga ambiente digital com ambiente impresso é o *site* da escritora e ilustradora carioca Anna Claudia Ramos, <http://www.annaclaudiaramos.com.br/>. Sua abertura também é sonora e visual: uma paisagem rural sob um céu azul, com apenas uma nuvem – na qual flutua o nome da autora –, enquanto o sol surge de um ligeiro movimento que o inclina no canto direito da tela. Enquanto isso, novas imagens surgem tendo no centro a própria autora a dialogar com o leitor: “Boa tarde! Quer conhecer meu caderno de segredos? Clique aqui!”. Simultaneamente, o som de bolhas estourando anunciam botões que o leitor poderá utilizar para acessar as atividades ocultadas por ilustrações que, ao passar do cursor, dão lugar aos títulos: *Caderno de segredos*, *A autora*, *Atelier Vila das Artes*, *Estante de livros*, *Agenda*, *Galeria de arte*, *O que falam dos meus livros* e *Diário nada secreto*. Depois disso, as imagens ficam completamente estáticas, sendo utilizadas para decorar a página. As animações que ocorrem posteriormente são apenas nas trocas de *links*.



Figura 3: Página de abertura do site da escritora Anna Claudia Ramos. Fonte: <http://www.annaclaudiaramos.com.br/>

De um modo geral, a página de Anna Claudia Ramos contém informações sobre a autora, como linha do tempo, biografia, serviços oferecidos, contato, agenda – inclusive atualizada para 2014 –, comentários que já fizeram sobre seus livros. Dentre os *links*, apenas um – *Estante de livros* – reporta aos

livros da autora. Nele, um indicativo de leitura, apenas como sugestão, associando fases do leitor – pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente, leitor crítico e formação de leitores – com livros que provavelmente serão adequados a cada uma delas, claro que sob o alerta da própria autora: “Os indicativos de leitura são apenas para orientar [...]. O mais importante é ter em mente que é a maturidade do leitor que irá dizer qual é o melhor livro para ele ler. Um bom livro infantil ou juvenil não tem idade, pode (e deve) também ser lido por adultos”. Escolhido o indicador de leitura, o leitor terá acesso à capa de vários livros da autora e a uma informação sobre o mesmo. Para cada fase de leitura, há vários lidos de Anna Claudia, o que demonstra o quanto sua escrita é eclética. Há assim, um *site* destinado à publicidade de livros e do trabalho de uma escritora, nem de literatura digitalizada nem a literatura eletrônica.

Na maior biblioteca virtual do Brasil, o *Portal Domínio Público*, por exemplo, há mais de 123 mil obras, com acesso gratuito – todas digitalizadas. Um *site* com aparência muito mais convencional do que os analisados até então: não há ilustrações, nem sonorizações, predominando a linguagem verbal. São disponibilizados arquivos em PDF e, conforme o livro escolhido, o leitor também encontra imagens, ainda que em imitação do texto impresso. Isso se repete no *site Virtual Books*, em que os textos seguem as características da literatura impressa, não constituindo, portanto, uma literatura eletrônica ou digital – nele o texto apresentado não utiliza a tecnologia digital para potencializar a linguagem. O que há é o uso da tecnologia para potencializar a circulação do texto, já que a ausência de suporte físico encurta espaços, deixando aos leitores uma enorme biblioteca aberta a qualquer hora e em todos os lugares:

A desmaterialização, ao abolir a duração, abole a distância; convoca espaços até então longínquos, temporalmente distantes, porque a distância entre lugares mede-se sempre pelo tempo (do percurso). Assim, toda a temporalização que se joga na escrita transforma-se, subitamente, numa questão cartográfica (BABO, 2003, p. 106).

Surpreendentemente, um *site* de literatura infantil que tem como primeiro plano um conteúdo que atende ao conceito de literatura eletrônica e utiliza nos textos uma linguagem completamente híbrida. Trata-se do *site* da escritora e ilustradora mineira Angela Lago, *angela-lago.net.br*. Nele, assim como em toda literatura eletrônica, “a palavra deixa de ser linguagem verbal e amplia seus horizontes, suas delimitações, para tornar-se texto verbal, sonoro, visual, audiovisual, digital, em outro contexto” (ANTONIO, s.d).

Logo que ele é acessado, abre-se uma tela vermelha com um retângulo preto no centro, contendo, na parte superior, nome e sobrenome da autora: Angela Lago. Como mágica, essas nomenclaturas se desmaterializam diante do leitor de modo que o nome *Angela* se transforma em um *anjo* e a palavra *Lago* retoma seu sentido denotativo e submerge a personagem angelical, fazendo-a desaparecer. Em seguida, números fantasiados de animais saltitam na tela informática e, enfim, surgem ilustrações que simulam um sumário, oferecendo distintas oportunidades de leituras e deixando ao pequeno *leitor-navegador* a definição de qual *livro-link* irá ler: na parte inferior da tela, poderá seguir Chapeuzinho Vermelho ou o cão esquelético, ou, ainda, divertir-se com um ABCD personalizado; um pouco acima, está uma discreta nave espacial desenhada em linhas brancas que, ao toque do cursor, revela o *link ciberespacinhomyoldhtmsite*; na parte superior, acessam-se as informações sobre a autora e a uma amostra de seus livros – além de um espaço reservado aos professores. Tem-se na verdade, uma verdadeira coletânea de literatura eletrônica.



Figura 4 Tela principal do site de Angela Lago.  
Fonte: <http://www.angela-lago.net.br/>

Em *angela-lago.net.br*, é utilizada uma linguagem intersemiótica que resulta em uma literatura que extrapola a figuração das palavras: “é primordial para a compreensão da literatura a forma como linguagens verbais e não verbais se entrelaçam, se entrecem, pois o fascínio e o enigma que sempre caracterizaram a criação viva e inovadora da literatura é o seu trânsito entre o verbal e o não verbal” (CUNHA, 2009, p. 141). Ora constituído por palavras, ora por imagens, os *links* da página principal poderão encaminhar o leitor a outros *links* no interior dos *hipertextos* inicialmente acessados, à medida que a leitura avança. Tudo isso, frequentemente, acompanhado por animações e por uma introdução sonora que se altera conforme o rumo escolhido. A partir de cliques, o leitor poderá, então, desencadear diferentes situações de leitura, por vezes, usando apenas uma matriz, a visual; por outras, uma linguagem totalmente híbrida. Nessa perspectiva, “produzir literatura seria correlacionar diferentes sistemas semióticos, o que, inevitavelmente, procura uma dinâmica ininterrupta de modificações, na qual as artes tentam se rearticular na realidade mutável da linguagem” (BASEIO; CUNHA, 2012, p. 2).

Embora o *site* de Angela Lago divulgue obras impressas, ele se torna singular por oferecer uma literatura cuja linguagem é multimodal, híbrida, e que depende do suporte eletrônico para acontecer. Assim, a publicidade ocupa um plano inferior – praticamente, irrisório – e o ambiente se torna um repositório de literatura eletrônica gratuita e liberta das amarras espaciais e temporais.

### Considerações Finais

Fica nítido, então, que as transformações tecnológicas ocorridas na sociedade influenciaram diretamente nos modos de produção textual e, por conseguinte, na linguagem utilizada para a criação de textos. Os novos suportes textuais digitais estão ligados ao surgimento de uma linguagem marcada pela hipertextualidade e pela hipermedialidade, clarificando novas formas de fazer literatura. Nesse hibridismo linguístico, surge para o público infantil uma literatura eletrônica que estende e potencializa as situações de ludi-

cidade e interatividade já delineadas pela linguagem não verbal frequente nos livros impressos.

A linguagem intersemiótica decorrente da tecnologia digital possibilita uma criação literária ainda pouco explorada por muitos escritores, já que tem sido mais comum a criação de *sites* para a divulgação ou para a reprodução de textos impressos – livros em PDF – do que para manifestações de literatura eletrônica: “[...] os livros de literatura infantojuvenil ainda têm muito a explorar neste diálogo textual e imagético entre as páginas e telas” (CUNHA, 2012, p. 11).

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ANTONIO, Jorge Luiz. *Sobre poesia digital*. Disponível em: <http://arteonline.arq.br/museu/ensaios/ensaiosantigos/jlantonio.htm>. Acesso em: 14. mai. 2014.

BABO, Maria Augusta. O hipertexto como nova forma de escrita. In: Sússekind, Flora. (Org.) *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.

BASEIO, Maria Auxiliadora; CUNHA, Maria Zilda da. Tecnologias e literatura para crianças. *Revista Literartes*, São Paulo, 2012. Sessão artigos. Disponível em: <http://revistas.usp.br/literartes/issue/view/3922/showToc>. Acesso em: 3 jul. 2014. p. 1-11.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: As implicações intelectuais da edição eletrônica. In: Sússekind, Flora. (Org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.

CUNHA, Maria Zilda da. *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora Humanitas; Paulinas, 2009.

CUNHA, Léo. O ciberespaço nas páginas do livro infantojuvenil. *Revista Literartes*, São Paulo, 2012. Sessão artigos. Disponível em: <http://revistas.usp.br/literartes/issue/view/3922/showToc>. Acesso em: 3 jul. 2014. p. 1-13.

HAYLES, Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. São

Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 1996.

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico: um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.